

# Sobre a natureza composicional da categoria *aspecto*: do plano nocional ao plano enunciativo

SÍLVIA LIMA GONÇALVES ARAÚJO  
(Universidade do Minho)  
saraujo@ilch.uminho.pt

## Resumo

Dans cet article, est développée une **analyse compositionnelle de l'aspect** qui permet de définir la nature des rapports entre **ce qui est défini par les propriétés sémantiques primitives (plan notionnel)** et **ce qui est construit par l'énoncé (plan énonciatif)**. On sait que les lexèmes verbaux ne donnent que des indications partielles, qui peuvent se trouver modifier selon le contexte. En effet, l'assignation du type de procès (/dense/, /discret/ ou /compact/) résulte elle-même d'un calcul interprétatif, qui prend en compte non seulement le verbe lexical mais aussi le prédicat, le temps verbal, les adverbess temporels et le contexte discursif. Comme nous essayerons de le montrer, loin de toujours converger harmonieusement, les significations de tous ces éléments dans un énoncé donné peuvent **entrer en conflit**, ce qui amène le co-énonciateur à mettre en œuvre des **stratégies interprétatives** de construction de la signification globale de l'énoncé visant à résoudre ces conflits. Dès lors, on assiste parfois à des glissements de sens au niveau de la valeur globale du type de procès qui peuvent donner lieu à des glissements de sens locaux qui affectent les unités lexicales.

**Palavras-chave:** aspecto, tipologia nocional, tipologia enunciativa, fenômenos de recategorização, formatação discreta/densa/compacta.

## I. Introdução

Tendo observado que os estudantes de «Letras» que chegam à Universidade ignoram – na sua grande maioria, para não dizer totalidade – o que seja o chamado «aspecto verbal», pareceu-nos oportuno percorrer, em traços largos, os problemas que se levantam à volta desta categoria gramatical, e comparar, de seguida, as potencialidades

descritivas de algumas tipologias de valores aspectuais para abordar, mais pormenorizadamente, na sua relação com a determinação nominal, com os tempos gramaticais e com os adverbiais aspectuo-temporais, as diferentes classes aspectuais.

Neste estudo, por razões que mais adiante se tornarão claras, apenas consideraremos a classificação proposta por Vendler (1967) para os verbos do inglês (por ser a mais conhecida) e a divisão triádica das categorias nominais propostas por Culioli (1973, 1974, entre outros) em discretos, densos e compactos que aplicaremos, na sequência de Franckel, Paillard & De Vogüé, 1988, De Vogüé, 1989 ou de Franckel & Paillard, 1991, ao domínio verbal.

O presente artigo, sendo o resultado de algumas reflexões particulares sobre as duas tipologias que acabámos de mencionar e sobre os problemas teóricos e metodológicos delas decorrentes, pretende, antes de mais, avaliar as novas possibilidades pedagógicas que oferece a classificação tripartida 'discreto-denso-compacto' acima referida para explicar, entre outros aspectos, a má-formação dos enunciados que resulta de incompatibilidades de natureza aspectual e equacionar novos modos, eventualmente mais produtivos, de conceptualizar as relações entre os mais variados meios linguísticos disponíveis para exprimir a categoria **aspecto** nas línguas românicas actuais, e mais especificamente em línguas como o francês ou o português.

## II. Considerações gerais sobre a categoria gramatical *aspecto*

Como tem sido reiteradamente referido pelos investigadores que se ocupam do fenómeno linguístico (cf. Coseriu, 1980: 13-25 ou Borillo, 1991: 97-102), o aspecto constitui uma categoria complexa (pluridimensional), pois, em francês ou em português, as «different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation» (Comrie, 1976: 3) encontram-se gramaticalizadas em processos não gramaticais e/ou gramaticais (cf. Barroso, 1994: 78-81), registando-se nos primeiros as realizações aspectuais expressas pelo semantema verbal [realização lexical] e pelo contexto em que se encontra o verbo [realização contextual], e nos segundos as realizações aspectuais expressas pelos próprios morfemas flexionais [realização morfológica ou flexional] e pelas perífrases verbais (*cesser delfinir de + inf.*; *deixar delacabar de + inf.*, etc.) [realização perifrástica] que expressam outros tantos valores aspectuais.

A conjugação, num qualquer enunciado, de todas as manifestações aspectuais acima referidas determina o chamado **aspecto de frase** (esta é a designação utilizada por François, 1978: 70).

Deste modo, e de acordo com o que acabámos de dizer, afigura-se pertinente mostrar a possibilidade de se poder considerar o aspecto não apenas como uma categoria limitada aos *verbos*, mas também como «um **operador frásico**, ou seja, em terminologia generativista como um operador mais alto» (Peres, 1984: 108) cujo valor referencial resulta da convergência de vários factores que se situam em três níveis diferentes (cf. Bouscaren *et alii*, 1993): o *nível nocional*, no qual se definem e estruturam as propriedades semânticas primitivas dos predicados, o *nível predicativo* intimamente relacionado com a organização da relação predicativa que pode ser definida como uma relação («construir») entre objectos («o Pedro» e «casa») – construir, o Pedro, casa – ou como uma propriedade («(ser) amável») que caracteriza um objecto («o Pedro») – <(ser), o Pedro, amável> –, e finalmente o *nível enunciativo* que tem a ver com as operações de construção do enunciado.

Revela-se conseqüentemente importantíssimo o estabelecimento de uma tipologia nocional que atribua um lugar de relevo às determinações internas (isto é, às determinações relacionadas com as propriedades primitivas do predicado verbal que irão determinar a selecção preferencial de uma interpretação aspectual) e uma tipologia enunciativa que permita identificar, com alguma segurança, as determinações externas (i.e. o conjunto das determinações situacionais que resultam da localização abstracta («repérage») da relação predicativa em relação ao parâmetro **situação de enunciação**<sup>1</sup>), e contextuais que resultam

---

<sup>1</sup> No quadro da Teoria Formal enunciativa de A. Culioli (para uma apresentação desta teoria, *vide* Gilbert, 1993: 63-96), quadro teórico onde se insere este trabalho, a passagem da *relação predicativa* (estrutura de origem que corresponde à relação entre termos que a constituem, isto é, entre o predicado e os seus argumentos) ao *enunciado* corresponde, como veremos, à construção de valores referenciais (de tempo, aspecto, modo, etc.), isto é, à construção de um acontecimento linguístico (ao qual se associa um tempo abstracto que passaremos a notar simbolicamente  $T_2$ ) localizado em relação ao parâmetro enunciativo *situação de enunciação-origem* ( $S_0, T_0$ ) – ou **Sit<sub>0</sub>**, definido pelos parâmetros enunciativos *enunciador-origem*  $S_0$  e *tempo da enunciação-origem*  $T_0$ : trata-se de parâmetros abstractos e não de situações, sujeitos ou tempos historicamente determinados. Por outras palavras, partindo de uma estrutura abstracta à qual se associa um **sentido**, vai-se, por sucessivas operações de localização abstracta que incidem sobre um termo, o termo localizado («repéré») e o localizam em relação a um segundo termo, o termo localizador («repère»), atribuindo determinação a essa estrutura, que passa então a ser um enunciado dotado de **significação**.

de outros termos da relação (a importância do argumento com a função de objecto directo<sup>2</sup> na determinação aspectuo-temporal de um enunciado tem sido muitas vezes abordada em diversas propostas de análise do aspecto (cf. por exemplo, Franckel & Paillard, 1989, Campos, 1994), estando a diferença entre evento delimitado e evento não delimitado presente, por ex., nas distinções «accomplishment»/actividade (Vendler, 1967), télico/atélico (Comrie, 1976; Declerck, 1979), evento/processo (Desclés, 1991).

Define-se assim uma tipologia em que se articulam a natureza aspectual dos predicados e o valor aspectual do enunciado; mas, como observaremos adiante, nem por isso deixa de ser uma tipologia que perde de vista a distinção entre as expressões 'gramatical' do **Aspekt** (ou 'aspecto gramatical' que corresponde à oposição dos determinados tempos gramaticais) e 'lexical' das **Aktionsarten** (ou 'modos de acção', 'modalidades de acção', 'modos de processo' que são propriedades inerentes ao léxico), termos propostos, pela primeira vez, para o polaco, pelo aspectólogo S. Agrell.

Devido às acentuadas clivagens que se podem observar entre certos autores no tratamento da categoria gramatical **aspecto** (valores aspectuais considerados, meios de expressão do aspecto, terminologias usadas, entre outras), convém proceder ao estabelecimento de algumas distinções fundamentais. Particularmente relevante para o estudo dos fenómenos aspectuais é a distinção aceite por muitos autores (Garey, 1967, Pollak, 1976, De Both-Diez, 1985, Comrie, 1989, Campos, 1993, 1994a ou Co Vet, 1994) entre, por um lado, o **aspecto perfectivo** que encara o processo como um bloco que inclui os seus próprios limites (cf. Comrie, 1976: 16 e sqq, Campos, 1989: 379, Campos & Xavier, 1991: 304 e sqq) e o **aspecto imperfectivo** que remete para um processo encarado no seu desenvolvimento, sem limites (Comrie, 1976: 12, 24; Campos, 1989: 378) e, por outro, entre estes aspectos gramaticais considerados simultaneamente e a dicotomia estabelecida, por vários linguistas (cf. Garey, 1957, Campos, 1984, entre outros)<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> Seguindo de perto a literatura recente, consideraremos o primeiro argumento de uma relação predicativa como o argumento de ordem 0 ( $C_0$ ) e o segundo argumento (que desempenha geralmente a função de objecto directo) como o argumento de ordem 1 ( $C_1$ ).

<sup>3</sup> Note-se que, neste estudo, a propriedade **telicidade/atelicidade** se insere no semantema verbal, isto é, a parte do lexema verbal portadora de significação objectiva. Nem todos os linguistas procedem desta forma: Declerck (1979) ou Comrie (1976) por ex., defendem que a essa propriedade deve ser atribuída às **situações** (e não só aos verbos). Para mais pormenores sobre os conceitos de «telicidade» e «atelicidade», vide François (1983: 93-95).

entre **verbos télicos** ou **transitórios** (que implicam a passagem de um *limiar semântico*: *nascer, morrer, cair, chegar, matar*, etc.) e **verbos atélicos** ou **não transitórios** (que são independentes da ideia de limite, podendo teoricamente prolongar-se indefinidamente: *amar, andar, viver, dormir*, etc.) entendidos como aspectos lexicais.

Sem a pretensão que seria desmesuradamente ambiciosa de refazer, neste trabalho, o debate sobre as vantagens (cf. Campos, 1989: 379-380; 1993: 67-68) e/ou desvantagens (cf. por ex., Barroso, 1994: 39, 57, Dahl, 1985: 74-75) que residem na consideração bipolar (perfectivo/imperfectivo), própria das línguas eslavas, no sistema aspectual das línguas indo-europeias, parece poder-se concluir que o quadro aspectual básico no sistema verbal francês ou português é o seguinte: I. *Aspectos 'lato sensu'*: 1. perfectivo; 2. imperfectivo e 3. perfeito (marcando um valor aspectual imperfectivo); II. *Aspectos 'stricto sensu'*: 1. verbos télicos e verbos atélicos.

Interessante se torna verificar, no entanto, que nem todos os linguistas respeitam a distinção entre estes dois tipos de aspecto. Nas teorias aspectuais gerais de Comrie (1976) e de Lyons (1977), por ex., o aspecto e o modo de processo encontram-se reunidos numa categoria que engloba os dois conceitos. Parece-nos, ainda, que a este propósito se possa invocar o exemplo da classificação vendleriana a que temos vindo a fazer referência. De facto, uma grave deficiência metodológica e técnica que, à primeira vista, se pode detectar nesta classificação reside, concretamente, no tratamento conjunto e sem qualquer distinção explícita que o autor faz dos valores aspectuais inerentes à própria semântica lexical dos verbos, dos que se exprimem por meio de argumentos desempenhando a função de objecto directo. Embora a tipologia que este autor propõe seja uma tipologia de verbos, na sua exemplificação aparecem também verbos acompanhados dos seus argumentos internos<sup>4</sup>, quando a presença destes na predicação

---

<sup>4</sup> Recorde-se que a classificação de Vendler (1967) define quatro tipos distintos de situações, a que correspondem predicados integrando quatro classes aspectuais: «achievements» (eventos instantâneos), «accomplishments» (eventos prolongados), «activities» (actividades) e «states» (estados). Se compararmos esta tipologia (para a qual é, efectivamente, a totalidade do *sintagma verbal* – e não só o verbo – que define a natureza da relação predicativa) com a de Garey (que é verdadeiramente uma tipologia de *verbos*), constatamos que duas das classes de Vendler são **atélicas** (os «states» e as «activities») ao passo que as duas restantes são **télicas** (os «accomplishments» e os «achievements»). Parece portanto poder-se concluir que os quatro tipos de classes propostos por Vendler reduzem-se a dois, se, abstraindo das diferenças entre eles, considerarmos que o único traço pertinente que os opõe é a existência, nos «accom-

determina alteração da classe a que o verbo pertence. Assim, por ex., o verbo *run* pertence à classe das actividades, mas já *run a mile* pertence à classe dos «accomplishments» (Vendler, 1967: 102). Ao introduzir variáveis relacionadas com a complementação, o autor mistura factores de ordem nocional com factores de ordem predicativa e enunciativa.

É tempo agora, após estes esclarecimentos sobre a categoria aspecto, de procurar elucidar, a partir das propostas da Teoria Formal Enunciativa de A. Culioli, as determinações internas que estão relacionadas com a existência de itens lexicais primitivos, definidos por determinadas propriedades semânticas.

### 2.1. Determinações internas definidas por propriedades semânticas primitivas

Como se depreende do próprio título desta subsecção, trataremos exclusivamente das determinações internas, i.e. do *Aktionsart* do predicado para analisar a construção da significação do enunciado, partindo do sentido da relação predicativa que lhe é subjacente, e mais especificamente do valor aspectual inerente à própria significação lexical do verbo que ocorre nessa relação.

É de salientar, desde já, que esta análise dos factores que se situam no nível nocional tem ainda a vantagem de explicar a compatibilidade e a incompatibilidade entre os valores que co-ocorrem numa dada sequência, convergindo para a sua significação global, e mais concretamente a incompatibilidade da relação predicativa com os diferentes tipos de adverbiais ou a incompatibilidade entre as restrições de selecção do predicado e os traços semânticos inerentes de um argumento.

Deste modo se compreende por que razão o estabelecimento de tipologias aspectuais fundamentalmente estruturadas em torno de normas sintácticas que regulam a ligação entre o próprio verbo, que é um elemento relacional, e o(s) seu(s) argumento(s) parece-nos ser atitude científica e pedagógica pouco aconselhável.

É importante insistir na ideia de que os critérios formais são apenas uma pequena amostra do conjunto de critérios que seriam

---

plishment» e «achievement», de um limiar semântico ou transição (cf. também Co Vet (1980 e 1981) que estabelece uma distinção entre situações não transicionais (estados e actividades) e situações transicionais (eventos prolongados e eventos instantâneos).

necessários para caracterizar – e, por extensão, agrupar – os predicados de uma língua com base nas suas propriedades semânticas.

O que faz sentido dizer neste caso, é que uma tipologia como a de Vendler não é satisfatória pela simples razão que dá pouca (para não dizer nenhuma) atenção ao papel da semântica dos predicados verbais na determinação dos valores aspectuais.

Os dois exemplos que a seguir apresentamos parecem corroborar a nossa suposição de que uma tipologia puramente formal parece não aceitar facilmente a possibilidade de dois predicados, equivalentes do ponto de vista sintáctico, darem origem a interpretações distintas, embora envolvidos em frases estruturalmente semelhantes:

(1) *ele consertou três carros*

(2) *ele seguiu três homens*

(exs. (1) e (2) de Bouscaren *et alii* (1993: 19) traduzidos do inglês).

Não há qualquer dúvida de que a (1) corresponde a construção de três ocorrências distintas da relação predicativa <consertar, ele, carros> (a confirmá-lo, verifica-se, por ex., que é possível combinar (1) com expressões adverbiais que ocorrem geralmente em frases descrevendo ocorrências disjuntas: *Ele consertou três carros **sucessivamente***, e que a (2) corresponde (certamente) a construção de uma ocorrência singular: é possível, por isso, dizer: *ele seguiu três homens **simultaneamente***, mas não: *?ele consertou três carros **ao mesmo tempo***<sup>5</sup>.

No par de frases que se segue, é evidente, mais uma vez, a distinção existente entre o plano da noção e o plano sintáctico:

(3) *Max hachure la feuille.*

(4) *Max dessine un cheval.*

(exs. (3) e (4) extraídos de Gross (1980: 76)).

À primeira vista, poderíamos pensar que estamos em presença de um *evento prolongado* (esta é a designação proposta por Campos (1989) para traduzir o conceito vendleriano de «accomplishment») em

---

<sup>5</sup> Note-se que o plural dos argumentos seleccionados pelo verbo não confere necessariamente um valor iterativo a P. Pode haver multiplicidade de objectos sem que haja multiplicidade de ocorrências de P. Tudo depende da relação que o verbo estabelece com o seu argumento C<sub>1</sub>. Em certos casos, o evento pode realizar-se em sequência sobre cada um dos objectos (cf. *supra*, ex. (1)) e/ou simultaneamente sobre a totalidade dos objectos (ex.: *ele viu três cães no jardim; ele atropelou três pessoas*).

ambos os casos. Ora, se observamos atentamente a forma como são construídas as ocorrências das noções<sup>6</sup> que instanciam respectivamente o lugar de operador de predicação (/hachurer/, /dessiner/) e de argumento de grau 1 (/feuille/, /cheval/), logo concluiremos que estes operadores não apresentam as mesmas propriedades físico-culturais. De facto, é fácil ver que as duas construções (3) e (4) em que os predicados verbais coocorrem com dois argumentos nominais, com funções sintácticas tradicionalmente definidas como sujeito e objecto directo podem nominalizar-se (com a ajuda do auxiliar *faire*). Constatamos, de facto, que à sequência (3) corresponde necessariamente a forma nominalizada: *Max fait des hachures sur une feuille* (o determinante *des* que surge então aparece obrigatoriamente no plural: \**Max fait une hachure sur la feuille*): o plural explicita o sentido intrinsecamente (ou nocionalmente) **iterativo** de *hachurer*. À sequência (4) corresponde, pelo contrário, a forma nominalizada: *Max fait un dessin de cheval*, que tem o mesmo sentido, e não *Max fait un dessin de chevaux* ou *Max fait des dessins de cheval*; inversamente, podemos estabelecer uma relação de equivalência entre *Max dessine des chevaux* → *Max fait des dessins de chevaux*: é o determinante plural (*des*) que confere à relação predicativa <dessiner, Max, chevaux> um valor iterativo.

Poderíamos mencionar outros casos de diferenças de interpretação dos fenómenos aspectuais que não podem ser explicados à luz de parâmetros sintácticos. De facto, se observarmos, por exemplo, os dois enunciados que se seguem:

- (5) *o João tem estado doente*
- (6) *o João tem ido à praia*

constatamos que a combinação do pretérito perfeito composto com um predicado verbal que pertence à classe aspectual dos estativos (cf. *estar doente* em (5)) corresponde à construção de um acontecimento único, com valor de continuidade enquanto que a utilização desse mesmo tempo verbal com predicados não estativos (do tipo: *ir à praia*) leva a que a situação descrita não seja encarada globalmente, mas

---

<sup>6</sup> É de salientar desde já que uma **noção** é definida «como um feixe estruturado de propriedades físico-culturais e constitui (...) uma representação abstracta de natureza cognitiva» (Campos, 1994b: 140; ver também Culioli, 1981). Convém acrescentar que existem basicamente dois tipos de noções: as *noções lexicais* ou *predicativas* (lexicalizáveis e categorizáveis em substantivos, adjectivos, verbos, etc.) e as *noções gramaticais* (como o número, o género, o tempo, o aspecto, etc.) e que estas noções só são apreensíveis através das suas **ocorrências linguísticas** construídas na e pela enunciação.



como ocorrências periódicas de situação. De facto, o pretérito perfeito composto adquire, em (6), um valor claramente iterativo.

O que, no seu conjunto, os exemplos descritos parecem indicar, é que a semântica lexical dos predicados é determinante na forma como a referência verbal pode determinar a selecção preferencial de um valor aspectual. Bache (1982: 59) partilha da mesma opinião.

Daí considerarmos que é necessário dispormos de uma tipologia nocional e predicativa que preexista a todas as operações de determinação (qualificação/quantificação) de temporalidade, de aspectualidade ou de modalidade e de uma tipologia enunciativa que tenha como função explicitar quais as operações que estão subjacentes a um enunciado e que constituem a actividade enunciativa. A ideia que nós defendemos aqui é a de que a classificação dos lexemas verbais não deve esperar pela etapa da activação do verbo no enunciado, mas deve aplicar-se igualmente ao nível do dicionário, apenas no que respeita à classe lexical do verbo. De facto, sem termos em consideração este nível puramente nocional, não é possível explicar o que leva verbos inseridos em esquemas sintácticos idênticos a marcarem valores aspectuais diferentes.

A tipologia que apresentamos aqui para dar conta das propriedades semânticas dos verbos corresponde a uma representação topológica que permite diferenciar três categorias de predicados. De facto, por razões teóricas, a fim de concretizar um tratamento homogéneo da categoria da determinação<sup>7</sup>, propomos a hipótese, na esteira de

---

<sup>7</sup> Na análise da construção dos valores de determinação verbal será introduzido o conceito de **determinação**, definida como uma operação complexa em que a quantificação (**Qnt**) se associa com a qualificação (**Qlt**) constituindo um operador complexo (**Qnt, Qlt**) que determina quantitativa e qualitativamente as diferentes noções (cf. Culioli, 1975, 1976, 1987, entre outros). O seguinte exemplo pode exemplificar a complexidade acima referida: *o que este rapaz come!* Este enunciado é ambíguo entre duas leituras: tanto pode haver um valor quantitativo ('este rapaz come muito' (**Qnt**)) como um valor qualitativo ('este rapaz come coisas estranhas' (**Qlt**)). A escolha de uma ou outra das interpretações será determinada pelo contexto em que ocorre a enunciação. Por ex., em *Hoje, comi demasiado*, **Qnt** sobrepõe-se a **Qlt** (formalmente: **Qnt (Qlt)**). Como veremos adiante, a componente qualitativa (que consiste em diferenciar as ocorrências com base em relações de **alteridade qualitativa**: por ex., *o cão* opõe-se ao *gato* ou ao *coelho*) e a componente quantitativa (que distingue as ocorrências de uma noção em função da sua localização espaço-temporal, definindo assim relações de **heterogeneidade**: neste caso, distinguimos os exemplares da noção /cão/) estão presentes na construção da determinação verbal, e mais especificamente na construção dos valores aspectuais do enunciado, podendo ser equiponderadas (formalmente: **Qnt, Qlt**) ou ser diferentemente ponderadas (formalmente: **Qnt (Qlt)** ou **(Qnt) Qlt**).

Culioli, que os tipos de predicados correspondem, no domínio verbal, às três classes propostas para dar conta dos fenómenos equivalentes na determinação nominal: **discreto-denso-compacto**.

Se adoptarmos, para explicar as diferenças entre os três tipos de predicados que acabámos de mencionar, esta classificação tripartida, podemos, numa primeira abordagem, cingir-nos a uma representação topológica cuja variável principal vai ser a existência ou não de limitadores («bornes») de início ou de fim do processo (que passaremos a notar **P**). Teremos, por um lado:

■ os predicados para os quais é impossível construir ocorrências diferenciadas quantitativamente; e daí a notação **(Qnt) Qlt**<sup>8</sup> (Culioli, 1991-92: 11). Neste caso, seria mais justo não falarmos de ocorrências dado que, no que respeita a estes verbos, cada ponto é identificável a outro: não há construção do primeiro e último pontos. Tais predicados serão, por consequência, validados em um ou vários intervalo(s) aberto(s) sem que se possa isolar instantes iniciais ou instantes finais. Falar-se-á, neste caso, de predicados compactos: é compacto o que é indivisível<sup>9</sup> no sentido estrito. Lembremos a definição de *compacto*

<sup>8</sup> Como já dissemos atrás (cf. *supra*, nota 7), uma ocorrência representada por (Qnt) Qlt indica que a componente qualitativa é preponderante e portanto não é parentizada; não havendo qualquer construção de uma ocorrência quantitativa da noção na construção desta ocorrência, 'Qnt', que constrói, como vimos, a existência de uma ocorrência como uma ocorrência qualquer da classe, surge entre parênteses.

<sup>9</sup> **Indivisível** deve ser interpretado como 'não quantificável' no sentido estrito: com um predicado /compacto/, não é possível construir uma ocorrência quantitativa de P. Como vimos atrás, no ex.: *A Maria é feliz*, não estamos perante uma ocorrência singularizada de *felicidade*. Dissemos que *A Maria é apenas o suporte* (aquilo que Milner (1986: 46) designa por «*hypokeimenon*») da propriedade que constitui a felicidade. Devemos salientar, contudo, que os predicados de tipo /compacto/ não são totalmente incompatíveis com uma quantificação de ordem temporal; por ex., em sequências como *Il a été sage toute la matinée* ou *Ele foi insuportável todo o dia*, os advérbios aspectuais *toute la matinée* e *todo o dia* introduzem uma delimitação temporal de P que não é retomada no plano notional. Um predicado /compacto/ também é compatível com algumas formas de quantificação iterativa. Para tal, é necessário que o predicado exprima uma propriedade instável e que a frase contenha um advérbio numeral: *Paul a été triste deux fois*, um advérbio de quantificação (frequencial ou genérico): *Paul est souvent/généralement/habituellement ... triste*, ou ainda, um marcador indicando os subintervalos em que ocorre o evento descrito: *Paul est triste le lundi/quand il n'a pas classe*. Os enunciados *Paul est triste*, *Paul a été triste*, *le mois dernier* / *Paul était triste*, *le mois dernier* não têm valor iterativo. Se é verdade que *Paul est triste* ou *Paul est grand* bloqueiam toda e qualquer leitura habitual, é também verdade que apenas o predicado /(être) triste/ admite uma interpretação iterativa. Recorde-se, de facto, que um predicado /compacto/ que exprime uma propriedade não transitória não pode, dada a estabilidade ou a dura-

dada por Culioli (1980: 191): «connexe, dense, insécable, sans complémentaire linguistique dans la classe d'occurrences des t»; faz com que estes verbos não sejam cindíveis no tempo; não têm desenvolvimento temporal. Dito de outro modo: os compactos (isto é, os nomes tradicionalmente tratados como nominalizados: *tristeza, paciência, alegria*, etc., e os predicados de tipo estado/propriedade) só podem fixar-se («s'ancrer») no tempo (-espaço) com a ajuda de um sujeito suporte da predicação (por ex., em *A Maria é feliz*, *A Maria* é o suporte através do qual se apreende a propriedade *ser feliz*) no qual eles se incarnam. Os nomes compactos apenas suportam intensificadores que conduzem à qualidade por excelência obtida quer directamente (*uma grande/pequena paciência*), quer através de um falso discretizador, marcador não de *quantidade* mas de *qualidade* (ex. *ele tem uma paciência de anjo*) que ajuda a resolver, por ex., agramaticalidades do tipo: *\*o João tem uma paciência* ou *\*o João tem a paciência* (cf. Campos, 1994a: 191).

No domínio verbal, o protótipo desta classe é constituída, como veremos, pelos predicados estativos em *ser (être)* seguidos de um adjetivo (ex. *ser agressivo, ser simpático*, etc.). Se é verdade que estes últimos podem ser qualificados como intrinsecamente compactos em virtude da sua estrutura predicativa, é também verdade que eles são, em certas condições, susceptíveis de uma «descompactização». Inversamente, bastantes outros verbos *a priori* não compactos podem sofrer uma compactização<sup>10</sup>.

---

tividade que o caracteriza, co-ocorrer com adverbiais frequenciais (ex. *frequentemente*) que especificam a frequência com que um acontecimento linguístico se repete. Não está, portanto, associado a valores habituais ou iterativos: *?Paul a été grand deux fois; ?Paul a été grand souvent; ?Paul est habituellement grand*. Os adjectivos não são todos, *a priori*, transitórios ou não transitórios: *sage, gentil, courageux*, etc., dado que podem funcionar como propriedades estáveis ou instáveis: a frase *Paul est heureux* autoriza uma leitura estável (*Paul est un être ou quelqu'un d'heureux*) e uma leitura episódica (*Paul est heureux, en ce moment*). Sabemos que o espanhol e o português dispõem de uma oposição aspectual **ser/estar** (cf. Riegel 1985: 149) para «exprimir a distinção entre predicadores de propriedades de individuais [**ser**] e predicadores de propriedades de manifestações temporalmente limitadas de individuais [**estar**]» (Mateus et alii 1989: 98): *O Paulo é feliz* (felicidade permanente), *O Paulo está feliz* (felicidade passageira). Estes exemplos mostram claramente a utilidade de distinguir os diferentes tipos de predicados estativos, pois se é verdade que os predicados compactos não se deixam normalmente singularizar ou pluralizar, é também verdade que alguns verbos estativos podem ser temporalmente delimitados.

<sup>10</sup> Como já dissemos atrás, em enunciados do tipo *O Pedro é feliz*, o sujeito é o «suporte» de P. Há portanto uma articulação intra-enunciado de tipo **tema-rema** (para simplificar, poder-se-á dizer que o sujeito corresponde ao tema). Note-se que qualquer

■ e por outro lado, os predicados que podem ser considerados como predicados télicos cujo limitador da direita (do início de **P**) pelo menos é, obrigatoriamente, tido em conta, o limitador da direita (do fim) ficando disponível para indicar o término de **P**. Esta classe abarca, por consequência, as subclasses /discreto/ e /denso/ de Culioli que, como veremos adiante, diferem uma da outra pelo facto de implicarem ou não, na sua definição, a existência de uma transição que corresponda à passagem de um limiar semântico ou **transição** (cf. Campos & Xavier, 1991: 320).

Por esta razão, urge estabelecer, no interior desta classe, uma distinção fundamental entre:

– o **discreto** que corresponde a uma delimitação simultaneamente qualitativa e quantitativa. Passaremos a notar a configuração relativa a esta subclasse da seguinte maneira: **Qnt, Qlt**.

No domínio nominal, os elementos discretos (ex. *cão, lápis, carro*, etc.) deixam-se enumerar dado que são quantificáveis directamente por numerais; de facto, é possível dizer: *comprei uma mesa/duas mesas* e não: *comprei\*um açúcar/\*dois açucares* (exemplos de Correia, 1992: 103). Dizer que a noção *cão* tem um comportamento discreto significa que cada ocorrência da noção é provida de um **formato-tipo intrínseco** definido por uma formatação qualitativa pré-determinada (o *cão*-tipo); daí considerarmos que os cães são singularizáveis e pluralizáveis (domínio do quantitativo).

No domínio verbal, esta equiponderância entre Qlt e Qnt depende essencialmente da natureza aspectual do próprio predicado: tal é o caso de verbos como *matar* ou *construir* que têm *a priori* um comportamento discreto. É de salientar, a este propósito, que estes verbos ocorrem dificilmente sem um  $C_1$  explícito: cf. *??ele mata/ matou!*; *??ele constrói/construiu*. Mas, como veremos adiante, esta solidariedade entre Qlt e Qnt pode resultar também da localização de um predicado

predicado pode ser interpretado como /compacto/ desde que lhe seja atribuído uma estrutura enunciativa deste tipo: por ex., *Pierre, il ment* [= 'c'est quelqu'un dont la propriété est de toujours mentir, c'est son habitude']. Inversamente, os predicados /compactos/ podem, em certas condições, sofrerem uma 'descompactização'; alguns deles podem, de facto, ser descritos pela introdução de uma forma de agentividade, com a ajuda das perífrases aspectuais **être en train de + inf.**, em francês (exs.: «*Il est en train d'être franchement désagréable*» ou ainda «*Il est en train de se montrer désagréable*» (exemplos de Franckel, 1989: 77) ou **estar a + inf.**, em português (ex.: «Bem. Acho que **estás a ser** grosseiro») que, como vemos, também podem co-ocorrer com predicados estativos, apesar do carácter indivisível (cf. *supra*, nota 9) que estes verbos denotam.

de tipo /denso/ em relação a um  $C_1$  discreto. Falaremos, neste caso, de predicados discretizados (por ex., na sequência *ça y est, il a bu sa bière* (ex. de Franckel, 1989: 47) ou *estava com tanta sede que bebi duas águas* (ex. de Correia, 1992: 105), a determinação de *bière/água* contribui para a formação de uma ocorrência de bebida. Ao introduzir uma quantidade singularizada de bebida com a ajuda do objecto directo (*sa bière/deois copos de água*), procedemos a uma delimitação-quantificação de **P** que é retomada no plano temporal na medida em que o processo (p) e o seu complementar linguístico (p') encontram-se numa relação de **adjacência**: «le procès désigné, aussi "lointain" soit-il, devient comme adjacent au moment de l'énonciation, qu'il se trouve spécifier qualitativement» (De Vogüé, 1995: 253). De facto, a cada uma destas sequências corresponde um **estado resultante** que define uma delimitação qualitativa da ocorrência da noção: tanto em *a cerveja está bebida* (note-se que, em português, a forma composta pela combinação do verbo *estar* com o particípio passado de um verbo que exprime um evento representa o estado resultante desse evento (cf. Dabène, 1979: 62-66)) como em *la bière est (effectivement/bel et bien) bue* (em francês, aparece obrigatoriamente a forma composta pela combinação do verbo *être* com o particípio passado), são os limites do  $C_1$  que determinam os limites de **P**. Se omitirmos o objecto directo responsável por esta formação, poder-se-à dizer que «*il y a eu (tout bonnement) de la boisson*» (o partitivo marca o denso) ou que «houve bebida» (o artigo  $\emptyset$  marca o denso): é o que acontece, por ex., numa sequência como *o Rui bebeu cerveja*, em que há manifestação de bebida no tempo, embora não se possa falar *a priori* de uma delimitação nocional de bebida; pois ao contrário do que se passa nos dois exemplos anteriores, o complemento  $C_1$  ( $\emptyset$  *cerveja*) não é **construtor** da ocorrência de /beber/ nem delimitador de qualquer porção daquela actividade; apenas **especifica**<sup>11</sup> o objecto interno de *beber*, «entendendo por objecto interno o objecto inscrito no próprio predicado» (Campos, 1994a: 6; cf. também Franckel & Paillard, 1989: 117) e que, neste caso, poderíamos designar por «o bebível».

–o **denso**, que corresponde a uma delimitação qualitativa **ou** quantitativa, caracteriza-se por ser discretizável (apesar de não ser intrinsecamente discreto). É importante dizer-se que os nomes densos (ex.: *água, manteiga, farinha*, etc.), compatíveis com o artigo partitivo

<sup>11</sup> Para mais pormenores sobre estes dois tipos de operações de localização (**especificação** e/ou **construção**), vide Franckel & Paillard, 1992, Paillard, 1992 e Campos, 1994a.

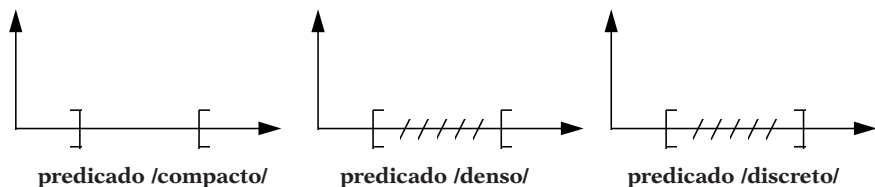
em francês ou com o **artigo** Ø que, em português, pode ser considerado como um indefinido com valor partitivo, deixam-se discretizar quer através de discretizadores do tipo [+numerável], formados com nomes discretos, e por tanto, com traços de quantidade (ex.: *bebo uma garrafa de água todas as manhãs*), quer através de uma qualificação, e por tanto, com traços de intensidade (ex.: *a água X é uma água muito pura*); mas em ambos os casos, verificamos que *água* aceita apenas discretizadores que lhe são extrínsecos, isto é, discretizadores marcados externamente pelo tempo e pelo espaço.

No domínio verbal, encontramos facilmente todos os verbos (como *correr, beber, ler, etc.*) que não implicam *a priori* restrições no que diz respeito à quantificação de **P**. Tratando-se de verbos que podem funcionar como compactos ou como discretos, é possível concluir que estamos em presença de verbos extremamente maleáveis. A este tipo de verbos corresponde, frequentemente, a construção de uma ocorrência singular (ex. *ontem à noite, o Pedro dançou, cantou e bebeu toda a noite*) que ocorre independentemente de qualquer delimitação qualitativa de **P**: a título de exemplo, podemos dizer que a sequência (*o Pedro*) *bebeu toda a noite* acima referida não releva nem do discreto (como anunciámos acima, precisaríamos de um objecto directo determinado para garantir a formatação de **P**), nem do compacto (o sujeito *o Pedro* não funciona como suporte de *beber*). No entanto, convém salientar que este tipo de predicados pode ser discretizado, à semelhança dos nomes densos, mediante uma formatação extrínseca feita através de um objecto directo (ex.: *ele bebeu uma/duas... cerveja(s)*) que determine os limites – ou **extensidade** – de **P** (ver, entre outros, Paillard 1992; Franckel & Paillard, 1992; Campos, 1994a). Como refere, a este propósito, De Vogüé (1990: 1), «la détermination de l'objet suffit à doter le procès d'une borne d'accomplissement (externe), et donc d'un format (extrinsèque)».

A título de ilustração e de recapitulação, pareceu-nos oportuno representar topologicamente<sup>12</sup> os três tipos de predicados supra-citados:

---

<sup>12</sup> Culioli foi, sem dúvida, um dos primeiros linguistas a propor a **topologia** como instrumento de análise da categoria aspectual. As suas primeiras análises foram rapidamente sistematizadas e aplicadas ao francês, ao inglês e ao búlgaro (ver, por ex., Fuchs & Léonard, 1979; Desclés & Guentchéva, 1980; Guentchéva, 1990). Recorde-se que a topologia «est une branche des mathématiques. Elle traite des relations de déformation qualitative entre figures» (Cintas & Desclés, 1988: 54). Como veremos, estas figuras, e mais especificamente essas representações diagramáticas são elaboradas com a ajuda



Não precisamos de dizer nada de especial sobre as representações diagramáticas acima, visto nos serem completamente familiares. Como podemos ver,

– os **compactos** não suportam, em princípio, qualquer tipo de discretização. Estes predicados são, como vemos, representáveis por um **intervalo aberto** (II), já que não há construção dos primeiro e último pontos.

– os **discretos** que, ao contrário dos densos e dos compactos, possuem um formato-tipo intrínseco, qualitativo e quantitativo, subdividem-se em:

□ os predicados estritamente discretos que implicam uma «auto-formatação», pela simples razão que têm valor «de transition non décomposable entre un état initial et un état résultant» (Bouscaren *et alii*, 1993: 4), independentemente da determinação de um objecto directo: encontramos, portanto, nesta subclasse, os predicados tradicionalmente designados por «predicados transicionais [+TR] (cf. Co Vet, 1980) atômicos [+ATOM] (cf. Co Vet, 1994: 6)», isto é, predicados de limitadores «con-fundidos» tais como *partir*, *explodir*, *chegar*, que, contrariamente aos predicados atélicos ou não transicionais (do tipo *viver*, *admirar*, *contemplar*), correspondem «à la transition proprement dite, qui est conçue comme étant de nature atomique (ponctuelle,

---

de conceitos topológicos simples como: os conceitos de **intervalo**, de **limitador** (de «borne»), aberto ou fechado e o de orientação. Apesar de mantermos todos estes conceitos para distinguir, de um ponto de vista puramente nocional, os diferentes tipos de predicados, não perdemos de vista que é nas diferentes etapas da determinação da noção (tudo depende, de facto, da localização de P na classe dos instantes, da relação entre o operador de predicação e o seu argumento de grau 0 ou de grau 1, etc.) que os limitadores revestem a sua pertinência, pois, como vimos, a construção dos valores referenciais de aspecto não dependem exclusivamente das propriedades nocionais dos predicados. Como já dissemos, em cada enunciação, a relação predicativa é construída como validada (ou validável) numa classe ordenada de instantes – o tempo  $T_2-$ , que, metalinguisticamente, pode ser representada como um intervalo, isto é, como uma sequência ordenada de pontos com uma configuração topológica específica que resulta da conjugação de vários factores (factores de ordem nocional, predicativa e enunciativa).

momentanéé)» (Co Vet, 1994: 5). Deste modo se compreende por que razão este tipo de verbos é compatível com adverbiais pontuais que «especificam a referência temporal de um acontecimento teoricamente **sem duração**» (Campos & Xavier, 1991: 309) mas incompatível com adverbiais durativos da forma **pendant/durante Q N de T** (em que 'Q' é uma variável de quantificador – cardinal ou indefinido –, e 'N de T' é uma variável de unidade de tempo – *dia, hora, tempo*, etc. (cf. Campos & Xavier, 1991: 310)) que, como veremos adiante, especificam a duração de um evento construída como homogénea, não sendo, portanto, compatível com predicados estritamente discretos que, por definição, incluem uma mudança semântica; de facto, não hesitaremos em considerar bem formadas as sequências: *a Maria chegou ao trabalho às duas horas* ou *Isabelle est arrivée/partie à huit heures* (verbos [+TR] e [+ATOM] em co-ocorrência com adverbiais pontuais); *a Maria viveu em Paris durante três anos* ou *Isabelle l'a admiré pendant de longues années* (verbos [-TR] e [-ATOM] em co-ocorrência com adverbiais durativos) e em rejeitar, por serem mal formadas, as duas sequências seguintes: *\*a Maria chegou ao trabalho durante duas horas* ou *\*Isabelle est partie/arrivée pendant deux heures* (verbos [+TR] e [+ATOM] em co-ocorrência com adverbiais durativos). É de referir, contudo, que o adverbial **durante Q N de T** pode co-ocorrer com um predicado do tipo /arriver/ desde que tal co-ocorrência permita a construção de um número indefinido de eventos instantâneos que se vão sucedendo, homoganeamente, ao longo da sequência de instantes que corresponde ao adverbial *pendant des années*: ex. ***pendant des années, Marie est arrivée en retard au travail***; verificamos, uma vez mais, que é a totalidade da relação predicativa, na qual os argumentos têm já um valor de quantificação determinado, que pode representar a natureza aspectual de uma sucessão homogénea de eventos. É também verdade que a existência de enunciados como *a Maria chegou a casa em duas horas* ou *a Maria levou duas horas a chegar a casa* parece contradizer as considerações semânticas que atrás fizemos acerca de *chegar*, pois o que seria de esperar é a existência de uma incompatibilidade entre o verbo *chegar* que representa apenas a passagem (momentânea) de uma situação a outra situação (isto é, um evento instantâneo representável por um intervalo pontual) e o adverbial de realização *em Q N de T* que especifica «um período de tempo, **não nulo**, associado à realização integral de uma situação» (Campos & Xavier, 1991: 322). Pode aqui falar-se em recategorização do evento instantâneo em evento prolongado, uma vez que o adverbial *em Q N de T* «defines the length of this preparatory period» (Moens & Steedman, 1988: 21), isto é, a sucessão



de acontecimentos («partida», «caminho») que engendram o que poderíamos chamar, à semelhança de Moens & Steedman (1988: 16), a «**culmination**», ou seja, neste caso, o acontecimento «chegada», o último da sucessão. É ao conjunto dos acontecimentos que se sucedem, e não apenas ao último, que se associa geralmente a sequência de instantes que corresponde ao adverbial *em duas horas*, momento da chegada propriamente dita. Poderíamos tecer os mesmos comentários acerca do enunciado seguinte: *Pierre a atteint le sommet en dix minutes*, pois há, num caso e noutro, um «caminho» que é integrado no evento a atingir: «chegar», «atingir o cimo». Estes eventos «culminantes» representam, em qualquer dos casos, a mudança para uma nova situação de natureza estativa: *X chegou a casa em duas horas* significa «ao fim de duas horas, a Maria chegou (= ‘está chegada’); da mesma forma, *X a atteint le sommet en dix minutes* significa «au bout de dix minutes le sommet a été (est) atteint». Só assim se entende a compatibilidade destes verbos [+TR], [+ATOM] com adverbiais da forma **em Q N de T**. Mais uma vez, podemos concluir que é pertinente falar em classe aspectual da relação predicativa e não só de verbos ou de sintagmas verbais.

□ os predicados [+TR], [-ATOM], isto é, os predicados de limitadores disjuntos que incluem, na sua definição, um limiar semântico: por ex., *partir um prato* significa «fazer que um prato passe do estado de não partido ao estado de partido», e essa passagem inerente aos verbos télicos constitui uma transição que faz parte da própria definição do verbo (ou melhor, neste caso, do próprio sintagma verbal).

Como facilmente se pode deduzir, tem aqui grande importância o conceito de **(a)telicidade**. Se é verdade que alguns predicados (os predicados de tipo /discreto/) são nocionalmente télicos, é também verdade que bastantes outros (os predicados de tipo /denso/) não o são: a distinção releva, como vimos atrás, das propriedades primitivas que estão na origem da construção dos valores referenciais do enunciado.

Assim, se retomarmos, por ex., os dois enunciados (1) *ele consertou três carros* e (2) *ele seguiu três homens* acima transcritos, parece ser possível concluir que:

– os dois verbos (*consertar*, *seguir*) funcionam, em geral, como predicados de limitadores disjuntos,

– mas a diferença de funcionamento que existe entre eles decorre das propriedades primitivas que lhes são subjacentes. Ao contrário do que acontece com *consertar* que implica a passagem (ou mudança) de um estado (o carro está por consertar) a outro estado (o carro está consertado), que é o **estado resultante** do evento (se o enunciado *ele consertou três carros* é verdadeiro, então o enunciado *os três carros*

*estão consertados* também é verdadeiro), o predicado *seguir*, embora inserido num contexto semelhante, descreve uma ocorrência não quantificada nocionalmente, como em (1), mas espaço-temporalmente. De facto, é a localização espaço-temporal que constrói a ocorrência da noção, numa quantificação temporal cuja duração poderia ser especificada por marcadores temporais-aspectuais: *ele seguiu três homens (durante) toda a noite/até à meia-noite*. Estamos, neste caso, perante ocorrências de tipo denso, para cuja construção e quantificação do C<sub>1</sub> (*três homens*) não contribui.

Não é pois de estranhar que *suivre* seja compatível com a perífrase aspectual *cesser de + Inf.* (*il a cessé de me suivre* significa que ele não pode/já não quer seguir-me, isto é que, em T<sub>0</sub>, já não há nenhuma relação entre *il* e P), que não suporta qualquer tipo de delimitação-quantificação nocional, mas incompatível com *finir de + inf.*<sup>13</sup> que marca uma conformidade entre o que «(ainda) está por fazer» (delimitação fora do tempo: ‘não realização da acção verbal’) e aquilo que (já) está feito» (delimitação no tempo: ‘passiva de estado + acabamento’). Um exemplo como: *il a fini de réparer sa voiture* (ou *ele acabou de consertar o seu carro*) implica a construção de «à réparer» independentemente do «effectivement réparé», isto é, uma determinação de ordem nocional com a qual são incompatíveis *suivre* ou *seguir* que apenas se coadunam com perífrases aspectuais marcando uma determinação de ordem temporal (tal é o caso, como dissemos atrás, de *cesser de* ou de *deixar de*).

Para melhor analisarmos estas incompatibilidades de natureza aspectual, ocupar-nos-emos, na secção seguinte, de problemas que envolvem fundamentalmente as relações existentes entre os tipos de predicados supra-citados e os diversos tipos de adverbiais temporais e/ou aspectuais.

## 2.2. Determinações externas construídas no e pelo processo enunciativo

Recorde-se, desde já, que as predicções podem apresentar diversos níveis de complexidade, desde as mais elementares [nível predicativo]

---

<sup>13</sup> Note-se, contudo, que a combinação de um predicado de tipo /denso/ como *suivre* com a perífrase *finir de + inf.* é possível em certos enunciados (ex.: *Tu n'as pas bientôt fini de me suivre partout comme un petit chien!*) em que o valor de intencionalidade (de teleonomia) inerente a *finir de* é construído pelo enunciador.

às que resultam da aplicação do que passaremos a designar por «processos de expansão de estruturas» por adjuntos quantificadores não-temporais e temporais-aspectuais.

De facto, assume-se como decisivo em todo este contexto insistir na ideia de que subjacente a qualquer enunciado há, como acima já dissemos, uma relação predicativa que corresponde à relação entre os termos que a constituem, i.e. entre o predicado e os seus argumentos. O nível predicativo poderá portanto ser definido com a seguinte fórmula:

#### NÍVEL PREDICATIVO

[predicado + argumento(s)]

por ex.:

[**adormecer** (o João)] ⇒ predicado de um lugar;

[**construir** (o João) (uma casa)] ⇒ predicado de dois lugares;

[**oferecer** (o João) (um refresco) (à Maria)] ⇒ predicado de três lugares;

[**vender** (o João) (o carro) (ao Pedro) (por três mil contos)] ⇒ predicado de quatro lugares.

Urge referir que cada uma destas estruturas abstractas é apenas um objecto metalinguístico que só passará a ser um enunciado quando lhe for atribuída valores referenciais, entre os quais os de tempo e de aspecto, que passaremos a notar **TEMP** e **ASP** (perfectivo [**PRF**] ou imperfectivo [**IPF**]), respectivamente. Obtemos então o nível enunciativo que resulta, já vimos, de operações de localização que incidem sobre o nível predicativo anterior:

#### NÍVEL ENUNCIATIVO

TEMP [ASP [nível predicativo]]

por ex.:

– pretérito perfeito simples [PRF [tocar (a Maria) (piano)]]

(7) *A Maria tocou piano.*

Como veremos adiante, a referência aspectuo-temporal é marcada basicamente nos morfemas de flexão verbal podendo ser, contudo, especificada noutros tipos de marcadores linguísticos: quer por um adverbial temporal [**ADV-TEMP**] que poderá manifestar-se sob a forma de um sintagma nominal [**SN**] (ex. *a semana passada, toda a manhã*), de um advérbio [**ADV**] (*ontem, amanhã*) ou de um sintagma de natureza proposicional [**SC**] (ex.: *quando eu cheguei, quando estava calor*), quer por um adverbial aspectual [**ADV-ASP**] que especifica a duração do acontecimento, independentemente da sua localização temporal.

**NÍVEL ENUNCIATIVO** (considerado num sentido mais lato):

TEMP [ASP [nível predicativo]] (ADV-TEMP, ADV-ASP)

por ex.:

– pretérito perfeito simples [PRF [tocar (a Maria) (piano)]] (ontem, (durante) toda a manhã)

(8) *Ontem, a Maria **tocou** piano (durante) toda a manhã.*

– pretérito imperfeito [IPF [tocar (a Maria) (piano)]] (quando eu cheguei)

(9) *A Maria **estava a tocar** piano quando eu cheguei.*

– presente do indicativo [IPF [tocar (a Maria) (piano)]] (quando estava aborrecida)

(10) *A Maria **toca** piano quando está aborrecida.*

Nos exemplos (8)-(10), encontramos dois tipos de adverbiais: *ontem, quando eu cheguei, quando estava aborrecida*, que especificam a localização temporal marcada na flexão verbal, e que correspondem, portanto, ao localizador  $T_3$  (cf. Campos & Xavier, 1991: 303); *durante toda a manhã* que especifica a localização aspectual, isto é, a forma como o acontecimento linguístico é estruturado em  $T_2$ .

Ao contrário dos exemplos (7), (8) ou (9) acima mencionados, que marcam a construção de um acontecimento linguístico único, ora perspectivado a partir de um localizador temporal que não coincide com nenhum dos instantes da sequência ( $T_2$ ) associada ao acontecimento – este, sendo visto de um ponto que lhe é exterior (cf. Pollak, 1976: 294, Maingueneau, 1981: 48), é construído como um todo fechado, indivisível, representável por um **intervalo fechado** (I) (cf. *supra*, enunciados (7) e (8) aspectualmente perfectivos) –, ora perspectivado a partir de um localizador temporal intermédio (que designaremos, na sequência de Campos & Xavier (1991), por  $T_3$ ) que coincide com um dos instantes da sequência  $T_2$  em que o acontecimento é localizado – este é, neste caso, visto do interior, como um acontecimento aberto, ‘em curso’, representável por um **intervalo aberto** (II) (cf. *supra*, ex. (9) aspectualmente imperfectivo) –, o exemplo (10) marca a construção de uma classe não finita de ocorrências da relação predicativa, com *percurso* da classe (que é subjacente a valores genéricos). Em (10), este valor habitual é marcado pela combinação do presente linguístico com um predicado de tipo /denso/, e pela sua co-ocorrência com um adverbial temporal de natureza proposicional (‘quando está aborrecida’). É de referir também que este valor pode ser visto, em (10), como uma propriedade que o enunciador constrói como válida (i.e. como verdadeira) em  $Sit_0$ . O tempo  $T_0$  da enunciação é, portanto, um dos instantes da sequência  $T_2$  associada ao acontecimento linguístico.

Podemos então dizer que, do ponto de vista aspectual, estamos perante um valor imperfectivo.

Deste modo se compreende por que razão o estudo dos marcadores adverbiais (aos quais correspondem, como vimos, diversos tipos de realização linguística) tem relações directas com a determinação aspectuo-temporal dos enunciados.

Em favor desta interacção entre marcadores adverbiais, tempos gramaticais e construção de valores aspectuais, abonam dois factos ilustrados nas frases que se seguem:

(11) *à midi pile, il déjeunait.*

(12) *il déjeunait depuis un quart heure.*

(13) *quand il faisait trop chaud, il déjeunait sous un grand chêne.*

—em primeiro lugar, a possibilidade do uso de adverbiais temporais para determinar o valor aspectual de um tempo verbal. Se é verdade que as informações extraídas do co-texto adverbial nem sempre permitem interpretar, com segurança, o valor aspectual de um enunciado (tal é o caso, por ex., da sequência (11) em que o *imparfait* de l'indicatif<sup>14</sup> pode estar associado à construção de um acontecimento

---

<sup>14</sup> À luz destes exemplos, é fácil ver que o 'imparfait' francês não funciona isoladamente, pois tudo indica que precisa de um localizador temporal intermédio marcado intratextualmente (sob a forma de um sintagma preposicional ou de um adverbial proposicional) ou recuperável no contexto (cf. Maingueneau, 1981: 65, 1994: 88 sqq; Tasmowski-De Ryck, 1985: 64; Swiatkowska, 1988: 38-39; Berthonneau & Kleiber, 1993: 53-73; Moeschler, 1993: 46 ou Lebaud, 1993). A confirmar esta ideia, que não podemos aqui desenvolver, veja-se o seguinte exemplo: *Tiens, il pleuvait* que é recebido com estranheza, ou até dificilmente interpretável; é interessante fazer notar que o exemplo que acabámos de mencionar deixa de ter um carácter anómalo se substituirmos o *imparfait* pelo 'passé composé' francês: *Tiens, il a plu* (exs extraídos de Co Vet, 1985: 40 sqq), pois, contrariamente ao 'passé composé' que pode ter dois valores aspectuais (cf. Waugh, 1987): ou valor de perfeito (= marcador do aspecto imperfectivo gramatical) ou valor de não-perfeito (= marcador do aspecto perfectivo gramatical), o 'imparfait' constrói aquilo que Laurendeau (1995: 341) chama uma «cataphore endophore» (já que este tempo gramatical **anuncia** uma sequência realizada linguisticamente ou definida situacionalmente). Deparamos aqui com um paralelismo entre o aspecto imperfectivo marcado pelo 'imparfait' e a não-autonomia dos enunciados escritos no 'imparfait'. Como refere, a este propósito, Campos, o 'pretérito imperfectivo' (que corresponde *grosso modo* ao 'imparfait' francês) não pode funcionar sem marcadores de localização suplementares. De facto, ao passo que *A Maria está a telefonar* é uma sequência perfeitamente aceitável, \**A Maria estava a telefonar* não pode adquirir o estatuto de um enunciado sem a introdução de um tempo localizador, que designaremos por T<sub>3</sub>, e que pode ser linguisticamente marcado por um adverbial proposicional como, por ex., *quando eu cheguei*. Como vemos, este localizador, que constitui um localizador translato em relação a To

único ou à construção de uma classe não finita de acontecimentos que correspondem a «un certain état de choses général, habituel ou courant» (Kuroda, 1973: 88), é também verdade que os marcadores adverbiais podem, pela sua co-ocorrência com os tempos gramaticais, modificar o valor aspectual de uma situação. Na sequência (12), o *imparfait (déjeunerait)* está nitidamente associado à construção de um acontecimento único que é construído aspectualmente como estando ‘em curso’ em  $T_3$  (definido situacionalmente); em (13), procede-se à construção de uma classe de acontecimentos que se repetiram um número indefinido de vezes. Estes acontecimentos validam a relação predicativa <il déjeuner>, que é, assim, neste enunciado, afectado de um valor genérico<sup>15</sup>: é o adverbial frequencial *quand il faisait chaud* que marca o valor iterativo ou habitual do enunciado.

– em segundo lugar, a possibilidade de determinar o valor referencial de alguns adverbiais pelo valor temporal marcado no morfema de flexão verbal. Vejamos alguns exemplos: *em Junho, fui/vou a Londres; esta tarde, o Pedro esteve/está em casa.*

Como podemos constatar, os adverbiais *em Junho* e *esta tarde* são interpretados como tendo valor referencial de anterioridade ou de

(cf. Culioli, 1980: 186, Desclés, 1980: 216; ver também Wagner & Pinchon, 1962: 361-365; Martin, 1971: 89 sqq), é obrigatório quando a coordenada temporal  $T_2$  associada à relação predicativa <Maria telefonar> é marcado pelo imperfeito (cf. Campos, 1993: 63).

<sup>15</sup> Note-se que o **valor habitual** (construído como válido num tempo anterior a Sito) é também marcado, em português, pela combinação de predicados verbais com o tempo gramatical **pretérito imperfeito**: por ex., *Quando era jovem, ele corria cinco quilómetros todos os dias*. As formas verbais no imperfeito marcam aqui a construção de uma sucessão de situações que validam a relação predicativa <ele correr cinco quilómetros>. Em cada uma das sucessões construídas, as situações são, do ponto de vista linguístico, rigorosamente identificáveis entre si. Estamos, de facto, perante uma operação de percurso à qual corresponde então um valor iterativo ou habitual. Poder-se-ia acrescentar que este valor é também marcado, em português, pelo *pretérito perfeito composto*, que exprime, tal como o imperfeito, a iteratividade, quando combinado com predicados verbais de tipo [-compacto] e/ou em co-ocorrência com adverbiais que só podem, no contexto, ser interpretados iterativamente (cf. Campos, 1991): (a) *O João tem viajado muito (Jean a beaucoup voyagé ces derniers temps)*. Se o predicado verbal que co-ocorre com o pretérito perfeito composto pertence à classe aspectual dos predicados [+compacto], o enunciado corresponde à construção de um acontecimento único com valor de continuidade: por ex., (b) *O Pedro tem estado doente (Jean est malade depuis quelle temps)*. Mas a coocorrência com um adverbial frequencial, o exemplo (b) adquire exclusivamente valor de iteratividade: (b') *O Pedro tem estado doente algumas/muitas vezes*. Como podemos ver, o valor de iteratividade (cf. *supra*, ex. (a)) pode ser marcado, em francês, pelo ‘passé composé’ que, apesar de não exprimir por si só a iteratividade, pode exprimi-la quando combinado (obrigatoriamente) com adverbiais (por ex. *régulièrement, ces derniers temps*, etc.).

posterioridade em relação a um localizador (neste caso  $T_0$ ) consoante co-ocorrem, na sequência linguística, com o pretérito ou com o presente, respectivamente.

Podemos, assim, concluir, que para o valor aspectual de um enunciado concorrem, de forma independente, os valores referenciais dos seus diferentes constituintes: como acabámos de verificar, urge não perder de vista o efeito produzido pela co-ocorrência de um advérbio com o tempo gramatical para vermos de que modo o resultado dessa combinação pode ter uma incidência sobre o valor aspectual de um enunciado.

Observemos agora um novo grupo de sequências em que a boa ou má formação resultam de compatibilidades ou incompatibilidades entre a relação predicativa localizada e o adverbial aspectual.

Como atrás já foi referido, o término (o último ponto) de alguns predicados só pode ser constituído pelas operações enunciativas: quer pela adição de um SN que exprime uma medida em termos de espaço (por ex.: *le/un cent mètres/os cem metros, dix kilomètres/dez quilómetros*, etc.,) ou de um complemento direccional de tipo limitativo (por ex.: *jusqu'à la gare/até à estação*):

- (14) *ele correu os cem metros/il a couru le 100m* (a não confundir com: *il a couru sur 100m*)  
 (15) *ele correu até à estação/il a couru jusqu'à la gare* (compare-se com: *il a couru vers la gare*),

em que os complementos adverbiais *le 100m/os cem metros, jusqu'à la gare/até à estação* envolvem um término inerente no qual se esgota o acontecimento linguístico (cf. Melis, 1983: 81-82).

Alargando os conceitos de verbos télico e atélico (Garey, 1957), diremos que, nos enunciados (14) e (15), a construção do último ponto do evento não está associado a propriedades semânticas da noção: trata-se, nestes casos, da construção de um **telos enunciativo** de ordem espacial, que delimita e quantifica a ocorrência do predicado a partir do objecto directo (*os cem metros/le 100m*) ou do adjunto espacial (*até à estação/jusqu'à la gare*), e não de um **telos nocional**, pois, como já vimos, o predicado *courir* é de tipo /denso/.

Estes fenómenos de recategorização do conteúdo nocional do predicado provocados por diversos factores co-textuais podem, em nosso entender, serem teorizados de várias maneiras:

■ em primeiro lugar, podemos deparar com enunciados em que certos índices monosémicos fortes (cf. *supra*, os marcadores *os cem metros, até à estação*) dominam hierarquicamente o tipo de predicado

com o qual co-ocorrem, exercendo sobre este uma influência em favor de um valor aspectual específico: é o que acontece, por ex., com a locução temporal *en/em* + *Q N de T* que implica necessariamente a construção de um *telos*, tornando, assim, inaceitável todo e qualquer enunciado cujo predicado é de tipo /denso/. Observemos o par de exemplos seguinte:

- (16) *il a écrit pendant (\*en) un quart d'heure.*  
 (17) *il a écrit une lettre en (\*pendant) un quart d'heure*  
 (exs. de Fuchs *et al.* 1996: 149)

Como se depreende do exposto, constatamos que um predicado de tipo /denso/ (cf., *supra*, *a écrit* no ex. (16)) pode (em interpretações usuais<sup>16</sup>) ocorrer com adverbiais durativos (*pendant* + *Q N de T*), mas não com adverbiais de realização (*en* + *Q N de T*), enquanto com um predicado de tipo /denso discretizado/ (cf., *supra*, *a écrit une lettre dans* l'ex. (17)) se dá a situação inversa. Verificamos também que os tipos referenciais dos argumentos internos seleccionados pelo verbo determinam a constituição aspectuo-temporal dos enunciados que se seguem:

- (18) *Marie a mangé des frites pendant (?\*en) cinq minutes*  
 (19) *Marie a mangé un gâteau en (\*pendant) cinq minutes*  
 (exs. de Gosselin, 1996: 64)

pois os argumentos de tipo /discreto/ articulam-se com um predicado verbal télico e os argumentos de tipo /denso/ com um predicado atélico. É fácil ver, de facto, que um sintagma nominal como *des frites* em (18) denota algo sem limites precisos tal como o verbo *écrire*, que pertence à classe aspectual actividades, leva a que a situação descrita, em (16), seja encarada como [+homogénea], [-transicional]. Em contrapartida, um sintagma nominal como *une lettre* em (18) delimita o predicado, recategorizando-o em evento prolongado (os limites do objecto directo determinam os limites da actividade) tal como acontece em (19), com o sintagma nominal *un gâteau*. Por isso, não é de estranhar que os sintagmas verbais (de tipo /denso/ ou de tipo /discreto/) e sintagmas preposicionais (realizados linguisticamente por

---

<sup>16</sup> Destas interpretações excluem-se, por ex., as interpretações iterativas que se podem obter em frases como: *ele correu cinco quilómetros todos os dias durante dois meses*, em que a iteratividade torna possível a aceitação de um adverbial durativo (*durante dois meses*), apesar de se tratar de uma expressão télica, e mais especificamente de um predicado /denso discretizado/ (*correr cinco quilómetros*).



adverbiais aspectuais) tenham de ser portadores do mesmo traço semântico (adverbiais de tipo [-discreto] para os sintagmas verbais de tipo [-discreto], adverbiais de tipo [+discreto] para os sintagmas verbais de tipo [+discreto]) para serem compatíveis; parece poder concluir-se que a este nível, a recategorização é excluída, uma vez que nenhum dos elementos (sintagma verbal ou sintagma preposicional) é recategorizável. Contudo, há enunciados que parecem funcionar como contra-exemplos ao que acabámos de dizer. Nesses enunciados, os predicados exprimem eventos de tipo /denso discretizado/ (cf. *infra*, por ex.: «manger + le biscuit» ou «ler + o livro») mas, no entanto, co-ocorrem com adverbiais durativos:

- (20) *Boris a mangé le biscuit à la noix de coco pendant un quart d'heure.*  
(ex. de Fuchs *et al.* 1991: 151)
- (21) *leu o livro durante duas horas* (a não confundir com: *numa hora*).  
(ex. de Sousa, 1996: 63)

A única significação que pode ser reconstituída é a seguinte: «durante um quarto de hora, o Boris esteve ocupado a comer a bolacha», «durante uma hora, ele esteve ocupado a ler o livro» mas isso não implica que: «ao fim de um quarto de hora, a bolacha esteja comida» ou que «ao fim de uma hora, o livro esteja lido». Da combinação do ‘passé composé’ (*a mangé*) com o adverbial durativo *pendant un quart d'heure* ou da co-ocorrência do pretérito perfeito simples (*leu*) com o adverbial *durante duas horas* resultam enunciados com valor imperfectivo. Isto é, em ambos os casos, o evento não se realiza completamente no tempo  $T_2$  (especificado, neste caso, pela sua duração – «pendant un quart d'heure» ou «durante duas horas») que lhe é associado, já que a operação de quantificação que incide sobre o objecto directo (*le biscuit* em (20), *o livro* em (21)) é neutralizada pela co-ocorrência do adverbial («pendant un quart d'heure» ou «durante duas horas»). Note-se que, no ex. (20), é o sentido lexical de *manger* que desliza para uma significação do tipo «machouiller, grignoter» (cf. Fuchs *et al.* 1991: 161). Pode dizer-se que a recategorização **global** da sequência «manger + le biscuit à la noix de coco» é, neste caso, indissociável da recategorização **local** que afecta a unidade lexical *manger* (esta passa a funcionar como um predicado denso, apesar da formatação extrínseca introduzida pelo objecto directo inaugurado pelo determinante definido *le*: *le biscuit à la noix de coco*).

■ Mas também podemos deparar com enunciados em que vários índices «fracos» «se adicionam» para impor um valor que parece

anular o valor aspectual «ditado» por um índice co-textual «forte» (cf. Fuchs *et al.* 1991: 163). Veja-se a título exemplificativo a série de sequências que se segue:

- (22) *Jean s'est encore plaint.*  
 (23) *Jean s'est encore plaint **après mon départ.***  
 (24) *Jean s'est encore plaint **pendant une heure.***  
 (25) *Jean s'est encore plaint **pendant une heure après mon départ.***  
 (exs. de Fuchs *et al.*, 1991: 163-164)

No primeiro enunciado da série, o 'passé composé' constitui um índice forte que confere um valor iterativo à *encore*. O mesmo não aconteceria se substituíssemos o 'passé composé' pelo presente do indicativo (ou seja: *Jean se plaint encore*) que atribui visivelmente um valor durativo ao advérbio supra-citado. A adição, nos enunciados (23) e (24), de um só circunstancial não é, em nosso entender, suficiente para bloquear o valor iterativo destes últimos, se bem que não proíba totalmente a interpretação durativa, sobretudo em (24): as duas interpretações são possíveis, e correspondem a valores referenciais diferentes dos dois circunstanciais (*pendant une heure, après mon départ*) que gravitam à volta do verbo *se plaindre*. Em contrapartida, a combinação destes dois adjuntos aspectuo-temporais em (25) parece anular o valor aspectual preferencial normalmente induzido pelo 'passé composé' nos enunciados que precedem, uma vez que *encore* recebe então um valor durativo.

Não há dúvidas que estamos aqui em presença do caso que anunciávamos: vários índices fracos (no sentido em que nenhum deles é capaz, por si só, de contrabalançar o valor aspectual atribuído ao enunciado por um índice forte) colaboram activamente para «vencer» este último em favor de um valor oposto: tudo indica, de facto, que os sintagmas preposicionais (cf. *supra, pendant une heure e après mon départ*) recategorizam o conjunto da frase (cf. *supra*, (25)), que transmite então o seu traço [+durativo] ao sintagma verbal e ao advérbio *encore*.

### III. Considerações finais

Após termos isolado, numa primeira etapa, o que diz respeito às propriedades primitivas dos verbos [nível nocional], tentámos mostrar que uma parte muito importante da construção dos valores aspectuais tem a ver com a estruturação sintáctica global [nível predicativo] e

com os diferentes parâmetros que intervêm ao [nível enunciativo]. Esta abordagem dos problemas aspectuais, embora de modo muito simplificado, reveste a sua pertinência porque permite que se pondere mais criticamente o modo como os diferentes constituintes de um enunciado concorrem para a construção dos valores referenciais de aspecto.

Uma rápida passagem pelos exemplos acima transcritos mostra, de facto, que as características dos verbos presentes ao nível nocional podem ser confirmadas (convergência) ou, pelo contrário, infirmadas (divergência) pelos restantes elementos co-textuais contidos no enunciado. Para podermos prever estas convergências e/ou divergências, parece-nos importante diferenciar os diferentes tipos de recategorização aspectual na co-ocorrência entre relação predicativa, tempo gramatical e adverbial aspectuo-temporal. Urge distinguir, de facto, os casos em que não ocorre nenhuma recategorização do verbo dado que todos os elementos contidos no enunciado **convergem** para um determinado valor (tal é o caso por exemplo no enunciado (16) *il a écrit pendant un quart d'heure* em que o adverbial *pendant un quart d'heure* confirma o carácter [+homogéno], [-transicional] do verbo) dos casos em que esses elementos **divergem** entre si. Como vimos, estes casos de divergência só podem ser resolvidos mediante um trabalho interpretativo por parte do co-enunciador que consiste em combinar os diferentes elementos de forma a obter uma significação global do enunciado que pareça coerente, plausível e pertinente. Este trabalho interpretativo dá geralmente origem a fenómenos de recategorização que parecem ocorrer, como vimos, quando a presença de um índice monosémico forte intervém na estruturação da situação impondo-lhe, por exemplo, um ponto terminal (é o que acontece, por ex., com o argumento interno *os cem metros* em (14) que delimita o verbo *correr*, recategorizando-o em evento prolongado) ou quando a presença de vários índices «fracos» num enunciado implica uma neutralização do valor aspectual marcado por um índice «forte» (cf. *supra*, o exemplo (25)). Também procurámos dar conta dos casos em que uma aparente incompatibilidade entre duas unidades de um mesmo enunciado portadoras de traços semânticos opostos (cf. *supra*, ex. (20) *Boris a mangé le biscuit à la noix de coco pendant un quart d'heure: manger le biscuit à la noix de coco* → [-denso], *pendant un quart d'heure* → [+denso] ou (21) *leu o livro durante duas horas: ler o livro* → [-denso], *durante duas horas* → [+denso]) só pode ser resolvida por uma operação de recategorização que leva uma das unidades (ex.: «manger + le biscuit» ou «ler + o livro») a receber o traço semântico de outra unidade

(ex.: «pendant un quart d'heure» ou «durante duas horas»), provocando assim um 'deslizamento' do sentido lexical do predicado recategorizado (pois, como vimos, *manger* pode adquirir o sentido de «grignoter»). Não podemos obviamente esquecer os casos em que existe realmente uma incompatibilidade entre os traços semânticos inerentes a duas unidades inseridas num enunciado (cf. *supra*, ex. (18) ?\**Marie a mangé des frites en cinq minutes: manger des frites* → [+denso], *en cinq minutes* → [-dense] ou ex. (19) ?\**Marie a mangé un gâteau pendant cinq minutes: manger un gâteau* → [-denso] → *pendant cinq minutes* [+denso]), isto é, os casos em que a recategorização é excluída e finalmente os casos em que ocorre uma pluralidade interpretativa sem conflitos (cf. *supra*, os casos de ambiguidades ilustrados pelos exemplos (11), (23) e (24) acima referidos).

Para dar conta destes diferentes tipos de recategorização, é necessário ter em conta os diversos operadores e estruturas susceptíveis de interagir com os três tipos de predicados (/discreto/, /denso/, /compacto/) acima referidos e justificar, de seguida, os valores semânticos resultantes destas combinações. Uma caracterização aspectual destas últimas não pode ser levada a cabo se não procedermos a um tratamento conjunto de alguns parâmetros que julgamos essenciais, a saber: (i) a complementação: a do verbo (e mais especificamente o papel crucial do argumento interno que desempenha a função de objecto directo na determinação dos valores referenciais); a dos determinantes (artigos, demonstrativos, numerais, etc.,) que acompanham os argumentos semanticamente seleccionados pelo verbo; (ii) os advérbios aspectuo-temporais (*en/pendant* + *Q N e T*, *em/durante* + *Q N de T*, *encore*, etc.,) que, como se pode depreender do exposto, têm um papel determinante na constituição aspectual dos enunciados, (iii) as especificidades aspectuo-temporais e modais do sistema da conjugação verbal da língua em estudo: os diferentes valores referenciais dos tempos simples, dos tempos compostos, e finalmente (iv) o papel dos verbos aspectuais (*finir de/cesser de* + *inf.*; *acabar de/deixar de* + *inf.*, etc.,) e a sua combinação com diferentes tempos gramaticais.

Numa perspectiva pedagógica, este tipo de abordagem intercategorial (que procura descrever e explicar a interacção entre parâmetros que se situam em diferentes níveis) pode reduzir o risco de atomização na análise e reflexão sobre o funcionamento da língua.

## Referências bibliográficas

- BACHE, C. (1982), «Aspect and aktionsart: towards a semantic distinction», *Journal of Linguistics* 18, 57-72.
- BARROSO, H. (1994), *O Aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo, visão funcional/sincrónica*, Porto, Porto Editora.
- BERTHONNEAU, A.-M. & KLEIBER, G. (1993), «Pour une nouvelle approche de l'imparfait: l'imparfait, un temps anaphorique méronomique», *Langages* 112, Paris, Larousse, 55-73.
- BORILLO, A. (1991), «De la nature compositionnelle de l'aspect», in C. Fuchs (éd.) *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 97-102.
- BOUSCAREN, J.; DESCHAMPS, A.; MAZODIER, C. (1993), «Éléments pour une typologie des procès», *Cahiers de recherche en grammaire anglaise*, tome 6, Université de Paris 7, Ophrys, 7-34.
- BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.-J.; ROBERT, S. (sous la dir. de) (1995), *Langues et langage. Mélanges offerts à Antoine Culioli*, Paris, P.U.F.
- CAMPOS, M. H. C. (1984), «Pretérito perfeito simples - pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal», *Letras Soltas* 2, 11-53.
- \_\_\_\_\_, (1989), *Abordagem enunciativa de um subsistema do sistema modal português: os verbos **dever** e **poder***. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- \_\_\_\_\_, (1991), «Approche transcatégorielle et opérations énonciatives», *Actes du XVIII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Tome II, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 137-149.
- \_\_\_\_\_, (1993), *Semântica e enunciação. Conteúdos programáticos, métodos, referências*, Universidade Nova de Lisboa.
- \_\_\_\_\_, (1994a), «Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais», in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português* (no prelo), Lisboa, Faculdade de Letras, Abril 1994, 1-21.
- \_\_\_\_\_, (1994b), «Abordagem semântico-enunciativa de alguns problemas gramaticais», *Mathesis* 3, 137-150.
- CAMPOS, M. H. C.; XAVIER, M. F. (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- CINTAS, P. F. & DESCLÉS, J.-P. (1988), «Signification des temps grammaticaux», *Le Français dans le monde* 214, 54-59.
- COMRIE, B. (1976), *Aspect*, Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_, (1989), «Perfectif et téléitique», *Travaux de linguistique* 19, 57-66.
- CORREIA, N. C. (1992), «A determinação: quantificação e qualificação», in *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri, 100-111.
- COSERIU, E. (1980), «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in J. David et R. Martin, (éds.), *La notion d'aspect*, Paris, Klincksieck, 13-25.

- CULIOLI, A. (1973), «Sur quelques contradictions en linguistique», *Communications* 20, Paris, Seuil, 83-91.
- \_\_\_\_\_, (1974), «A propos des énoncés exclamatifs», *Langue française* 22, 6-15.
- \_\_\_\_\_, (1975), «Notes sur 'détermination' et 'quantification': définition des opérations d'extraction et de fléchage», *Projet interdisciplinaire de traitement formel et automatique des langues et du langage (PITFALL)*, 4, Paris 7, D.R.L. et Rapport de l'ERA 642 du CNRS, 1-14.
- \_\_\_\_\_, (1976), *Notes du Séminaire de DEA 1975-1976* prises par les étudiants, Paris, Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris 7.
- \_\_\_\_\_, (1980), «Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique», in David et Martin (éds.), *La notion d'aspect*, Paris, Klincksieck, 181-193.
- \_\_\_\_\_, (1981), «Sur le concept de notion», *BULAG* 8, Besançon, 62-79.
- \_\_\_\_\_, (1987), «Formes schématiques et domaine», *BULAG* 13, 7-15.
- \_\_\_\_\_, (1991-92), «Structuration d'une notion et typologie lexicale. A propos de la distinction dense, discret, compact», *BULAG* 17, 7-12.
- DABÈNE, L. (1979), «La relation «être + Vpp» et ses équivalents dans les différentes langues enseignées», *Études de linguistique appliquée*, 34, Didier-Erudition, Paris, 47-67.
- DAHL, O. (1985), *Tense and Aspect Systems*, Oxford Basil Blackwell.
- DE BOTH-DIEZ, A.-M. (1985), «L'aspect et ses implications dans le fonctionnement de l'imparfait, du passé simple et du passé composé au niveau textuel», *Langue française* 67, 5-21.
- DECLERCK, R. (1979), «Aspect and the bounded/unbounded (telic/atelic) distinction», *Linguistics* 17, 761-794.
- DESLÉS, J.-P. (1991), «Archétypes cognitifs et types de procès», in Fuchs, (ed.) 1991, *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 171-195.
- DESLÉS, J.-P.; GUENTCHÉVA, Z. (1980), «Construction formelle de la catégorie grammaticale de l'aspect», in J. David et R. Martin (éds.), in *La Notion d'Aspect*, Paris, Klincksieck, 195-237.
- DE VOGÜÉ, S. (1989), «Discret, dense, compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale», in *La notion de prédicat*, collection ERA 642 (URA 1028), Université de Paris 7, 1-37.
- \_\_\_\_\_, (1995), «L'effet aoristique», in J. Bouscaren *et alii*, (sous la direction de), 1995, *Langues et langage. Mélanges offerts à A. Culioli*, Paris, P.U.F., 247-259.
- FRANCKEL, J.-J. (1989), *Etude de quelques marqueurs aspectuels en français*, Genève-Paris, Librairie Droz.
- FRANCKEL, J.-J., PAILLARD, D.; DE VOGÜÉ, S. (1988), «Extension de la distinction discret, dense, compact au domaine verbal», in J. David et G. Kleiber (éds.), *Termes massifs et termes comptables*, Acte du colloque de Metz, Nov. 1987, Recherches Linguistiques, Metz, Klincksieck, 239-247.
- FRANCKEL, J.-J. & PAILLARD, D. (1989), «Objet, complément, repère», in *Détermination, énonciation, référence*, *Langages* 94, 115-127.

- FRANCKEL, J.-J. & PAILLARD, D. (1991), «Discret-dense-compact; vers une typologie opératoire», in Fuchs (éd.), *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 103-136.
- \_\_\_\_\_, (1992), «Objet: construction et spécification d'occurrences», *Le Gré des Langues* 4, 29-43.
- FRANÇOIS, J. (1978), «La catégorie de l'Aktionsart dans la linguistique allemande. Exposé critique de travaux récents», *Quelques aspects de l'aspect*, DRLAV. Paris, Université de Paris VII, 69-100.
- \_\_\_\_\_, (1983), «La résurgence des catégories aristotéliennes "energeia" et "kinesis" dans les discussions actuelles autour du mode d'action téléique», *DRLAV* 28, 79-96.
- FUCHS, C. et LÉONARD, A.-M. (1979), *Vers une théorie des aspects: le système du français et de l'anglais*, Paris, Mouton, EHESS.
- FUCHS, C., GOSSELIN, L. & VICTORRI, B. (1991), «Polysémie, glissements de sens et calcul des types de procès», in C. Fuchs (éd.) *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 137-169.
- GAREY, H. B. (1957), «Verbal aspect in french», *Langage* 33, 91-110.
- GILBERT, E. (1993), «La théorie des opérations énonciatives d'Antoine Culioli», in *Les Théories de la Grammaire Anglaise en France*, Paris, Hachette Supérieur, 63-96.
- GOSSELIN, L. (1996), *Sémantique de la temporalité en français. Un modèle calculatoire et cognitif du temps et de l'aspect*, Louvain-la-neuve, Duculot.
- GROSS, M. (1980), «Deux remarques sur l'aspect», in J. David et R. Martin (éds.), *La notion d'aspect*, 69-81.
- GUENTCHÉVA, Z. (1990), *Temps et aspect: l'exemple du bulgare contemporain*, Paris, Éditions du CNRS.
- KURODA, S. Y. (1973), «Le jugement catégorique et le jugement thétiq: exemples tirés de la syntaxe japonaise», *Langages* 30, 81-110.
- LAURENDEAU, P. (1995), «Exploitation du cadre de la théorie des repérages énonciatifs en linguistique descriptive: le cas du tiroir de l'imparfait», in Bouscaren et alii (éds.) 1995, 331-343.
- LEBAUD, D. (1993), «L'imparfait: indétermination aspectuo-temporelle et changement de repère», *Le Gré des Langues*, n° 5, Paris, Éditions de l'Harmattan, 160-176.
- LYONS, J. (1977), *Semantics*, Cambridge University Press.
- MAINGUENEAU, D. (1981), *Approche de l'énonciation en linguistique française. Embrayeurs, «temps», discours rapporté*, Paris, Hachette.
- \_\_\_\_\_, (1994), *L'énonciation en linguistique française*, Paris, Hachette.
- MARTIN, R. (1971), *Temps et aspect. Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français*, Paris, Klincksieck.
- MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. & FARIA, I. H. (1989), *Gramática da Língua Portuguesa* (Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual) 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho (Coleção universitária, Série LINGÜÍSTICA).

- MELIS, L. (1983), *Les circonstants et la phrase*, Louvain, Presses Universitaires de Louvain.
- MILNER, J.-C. (1986), *Introduction à un traitement du passif*, Université de Paris 7, Collection ERA 642 (UA 04 1028).
- MOENS, M. & STEEDMAN, M. (1988), «Temporal Ontology and Temporal Reference», *Computational Linguistics*, Volume 14, Number 2, June 1988, 15-28.
- MOESCHLER, J. (1993), «Aspects pragmatiques de la référence temporelle: indétermination, ordre temporel et inférence», *Langages* 112, 39-54.
- PERES, J. A. (1984), *Elementos para uma Gramática Nova*, Coimbra, Livraria Almedina.
- PAILLARD, D. (1992), «objet: construction et spécification», in *La théorie d'Antoine Culioli: Ouvertures et Incidences, Ophrys, Collection HDL, Actes de la Table Ronde «Opérations de repérage et domaines notionnels» de l'URA 1028*, Université de Paris 7, mai 1991, 75-88.
- POLLAK, W. (1976), «Un modèle explicatif de l'opposition aspectuelle: le schéma d'incidence», *Le français moderne* 44, 289-311.
- RIEGEL, M. (1985), *L'adjectif attribut*, Paris, Presses Universitaires de France.
- SOUSA, Otilia da Costa e (1996), *Construindo histórias: quando, então, depois. Marcadores aspectuo-temporais em narrativas de crianças*. Lisboa, Editorial Estampa.
- SWIATKOWSKA, M. (1988), «Temps verbal: catégorie déictique ou relationnelle?», in *L'information grammaticale* 38, 36-39.
- TASZMOWSKI-DE RYCK, L. (1985), «L'imparfait avec ou sans rupture», *Langue française* 67, 59-77.
- VENDLER, Z. (1967), *Linguistics and Philosophy*, Ithaca, N.Y., Cornell University Press.
- VET, C. (1980), *Temps, aspects et adverbes de temps en français. Essai de sémantique formelle*, Genève, Droz.
- \_\_\_\_\_, (1981), «La notion de «monde possible» et le système temporel et aspectuel du français», *Langages* 64, 109-124.
- \_\_\_\_\_, (1985), «Univers du discours et univers d'énonciation: le temps du passé et du futur», *Langue française* 67, 38-58.
- \_\_\_\_\_, (1994), «Petite grammaire de l'Aktionsart et de l'aspect», *Cahiers de grammaire* 19, Décembre 1994, (Equipe de Recherches en syntaxe et sémantique, CNRS URA 1033), Université de Toulouse-Le Mirail, 1-17.
- WAGNER, R. L.; PINCHON, J. (1962), *Grammaire du français classique et moderne*, Paris, Hachette Université.
- WAUGH, L. (1987), «Marking time with the passé composé: toward a theory of the perfect», *Linguisticae Investigationes* 11, 1-47.